



A TOPONÍMIA COMO SIGNO DE REPRESENTAÇÃO DE UMA REALIDADE

Aparecida Negri Isquierdo

Doutora em Linguística (UNESP/Araraquara)
e professora da UFMS (Dourados)

Este trabalho analisa topônimos utilizados pelos seringueiros do Estado do Acre para designar os seringais e as colocações — uma microtoponímia que apresenta particularidades distintas, considerando-se o sistema de trabalho desses profissionais e as singularidades do ambiente físico da região amazônica. Na análise, tomamos como hipótese a tese de que o léxico, por registrar as diferentes fases da vida de uma comunidade, pode funcionar como palavras-testemunhas de uma deriva de valores, de crenças e de expectativas de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Desta forma, partindo do princípio de que os atos de nomeação de lugares representam sempre formas de apropriação de uma realidade, este estudo procura demonstrar que os topônimos funcionam como índices do sistema de vida dos seringais e dos processos de povoamento e de colonização ocorridos no Acre.

Palavras-chave: Toponímia; signo; realidade.

The purpose of this paper is to analyse toponymies used by the latex extractors from Acre's State (Brazil) to determine the rubber plantations' setting — microtoponymy — presenting the differences related to the working system of the professionals and the particularities from the Amazonian's region environment. Based on the fact that lexicon registers the different way of living of the community, probably it also functions as witness-words showing a drift of values, faiths and expectations of a cultural sociolinguistic group. Considering the principle that the acts of places nomination' always represent forms of appropriation of a reality, this article intends to show that the toponymies are sides of the rubber plantations' life style as well as the colonization occurred in Acre's State.

Keywords: Toponymy; sign; reality.

Ação de nomear as coisas sempre esteve presente na humanidade. As pessoas ocupam, obrigatoriamente, um determinado espaço físico e necessitam dispor-se geograficamente nesse meio, inclusive pela própria necessidade de sobrevivência. Pensando-se essa questão da localização numa perspectiva mais ampla, constata-se que existem espaços maiores – continente, país, estado, município, distrito, zona rural, zona urbana – que, por sua vez, situam-se num certo espaço físico com características específicas de acordo com as peculiaridades locais - hidrografia, orografia, vegetação... Assim, anteriormente a uma geografia humana existiu uma geografia física. Além desses elementos de natureza física há, ainda, fatores de ordem sócio-cultural influenciando e/ou determinando a vida do homem inserido nesse meio. Por isso mesmo, o ser humano, para situar-se no espaço que ocupa e para conviver com esse ambiente físico-social que o circunda, necessita nomeá-lo. Em face disso, desde tempos os mais remotos, o ser humano deu nome às coisas, aos lugares, às pessoas...

Não é de se estranhar, portanto, que o homem sempre tenha exercido a atividade de nomear os lugares, fato que se pode comprovar, inclusive, nos documentos mais antigos da história da humanidade:

"o mais antigo tesouro da lingüística e de outras realidades que não hajam prescrito, encontram-se na toponímia. Os nomes de muitos acidentes geográficos de todo o mundo provêm de épocas nas quais, o homem não conhecia a

escritura em nenhuma de suas formas. Estes nomes chegaram a nós por tradição oral".¹

O processo de dar nome aos lugares, dada a sua importância no estudo de uma língua, acabou por tornar-se objeto de estudo de um dos ramos da *Onomástica*, disciplina de caráter abrangente que se ocupa da investigação da etimologia, das transformações, enfim, da explicação e da catalogação dos nomes próprios de pessoas e de lugares. Essa área de investigação bifurca-se em dois ramos. Quando se refere ao estudo dos nomes próprios de pessoas é denominada de *Antroponímia* e quando seu objeto de estudo está centralizado no exame da origem e do significado dos nomes de lugares, recebe o nome de *Toponímia*.

Muito embora a ação de nomear seja uma prática de existência remota, a preocupação com o estudo dessa categoria de nomes data de poucos séculos. *A Toponímia* – estudo lingüístico e histórico da origem dos nomes – como corpo disciplinar sistematizado surgiu na Europa (França) com os estudos pioneiros de Auguste Longnon, por volta de 1878.

Dentre os clássicos que se dedicaram aos estudos toponímicos faz-se necessário registrar o trabalho do lingüista francês Albert Dauzat. Esse estudioso, além de salientar dificuldades com as quais se defronta o pesquisador que se propõe à tarefa de elucidar a questão da origem dos nomes de lugares, manifesta a preocupação com a classificação dos nomes de lugares por séries lógicas ou por *categorias históricas*, em se tratando do estabelecimento de um método para o estudo da Toponímia. A despeito de optar pela abordagem a partir desses dois pontos de vista, dedica especial atenção ao estudo dos nomes de localidades classificando-os segundo *a ordem histórica de suas formações* (1928, p.10) (grifo nosso).

Ao focalizar o problema da denominação de localidades esse autor destaca, também, que a classificação das designações inatas dos nomes de lugares pode estabelecer-se a partir de duas perspectivas: *formação externa ou senti-*

¹ "el más antiguo tesoro de la lingüística y de otras realidades que no han prescrito, se halla en la toponimia. Los nombres de muchos accidentes geográficos de todo el mundo provienen de épocas en las cuales, el hombre no conocía la escritura en ninguna de sus formas. Estos nombres llegaron a nosotros por tradición oral" (Vila, M-A, in: Salazar-Quijada, 1985, p.09).

dos intrínsecos. O primeiro engloba nomeações espontâneas (obra mais ou menos inconsciente de uma coletividade) ou sistemáticas (resultante de atos refletidos de uma autoridade, do fundador de uma cidade...), enquanto o segundo sintetiza designações cujos elementos são emprestados ou da geografia, ou da reverência a homens ilustres (fundadores, produtores, proprietários), ou de diversos caracteres abstractos ou de ordem histórica. A proposta de classificação do autor harmoniza os dois pontos de vista (Dauzat, 1928, p.19-20).

A necessidade de se considerar elementos históricos no estudo dos nomes de lugares foi enfatizada também por Rostaing, toponomista francês que atribui à Toponímia a função de buscar a significação e a origem dos nomes de lugares e de estudar as suas transformações (1961, p.07). Postula, ainda, este autor que o nome de lugar é uma forma da língua cuja estrutura está sujeita às mesmas leis fonéticas que orientam as demais palavras do sistema e defende o estudo etimológico e *histórico* desse tipo de signo. Ainda enfatizando essa abordagem diacrônica no estudo da Toponímia, Rostaing ressalta a necessidade de se recorrer a ciências afins como a *história local*, a *arqueologia* e a *pré-história* com vistas a buscar elementos para elucidar a questão da etimologia dos nomes de lugares (1961, p.09-11) (grifo nosso).

É certo que o processo de nomeação de lugares é marcado por circunstâncias de natureza histórica, social, física ... que o diferencia de outras atividades exercidas pelo homem. Variáveis culturais distintas influenciam na denominação dos lugares. Assim,

"através das camadas onomásticas, revelam-se, numa perspectiva globalizante, as feições características do local, sejam as de ordem física quanto sócio-culturais. De tal modo esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode mesmo, muitas vezes, estabelecer a correlação entre "nome" dos acidentes e o "ambiente" em que ele se acha inscrito" (Dick, 1992, p.35).

O signo toponímico apresenta, por conseguinte, determinadas especificidades que precisam ser consideradas. Primeiramente, trata-se de nomes próprios cuja função específica é a de identificar e não de significar. Entretanto, na situação específica do topônimo, além dele determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da reali-

dade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador.

Neste trabalho², estamos analisando topônimos utilizados pelos seringueiros do Estado do Acre para designar os seringais e as colocações³. Trata-se de uma microtoponímia que apresenta particularidades distintas, dada a realidade própria desses tipos de aglomerados humanos - isolamento, perspectivas e características do grupo - somada às singularidades do ambiente físico da região. Assim sendo, os motivos que incitaram a definição dos nomes desses lugares estão, particularmente, voltados para a situação de vida experimentada pelo grupo.

Na análise da Toponímia dos seringais, tomamos como hipótese o princípio de que o léxico, por registrar as diferentes fases da vida de uma comunidade acaba, também, por espelhar a visão de mundo, as expectativas de vida e a realidade histórica e cultural do grupo. Na situação específica dos designativos dos seringais e colocações, estamos frente a uma categoria especial de microtoponímia, dado que se refere à nomeação de lugares relacionados à empresa seringueira da Amazônia, mais particularmente do Acre - uma organização com características muito singulares e que reúne um grupo humano com expectativas de vida totalmente distintas de outras categorias de trabalhadores brasileiros.

Hoje, essas criações lexicais já estão cristalizadas e muitas já até perderam a sua motivação inicial. Entretanto, através delas ainda se torna possível recuperar nuances da realidade histórico-social da região⁴. Destarte, esses signos sintetizam o pensamento de um grupo específico num momento muito particular de sua história. Determinados topônimos, na maioria das vezes no-

² Este trabalho sintetiza aspectos do estudo realizado acerca desse assunto e integra a análise efetivada acerca do vocabulário do seringueiro na nossa Tese de Doutorado: *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*, defendida na UNESP/Araraquara, em 1996.

³ Na empresa gumífera amazônica, *seringal* nomeava uma propriedade, fazenda, geralmente à margem de rios, que concentrava quantidade mais ou menos considerável de seringueiras - árvore de cujo látex se fabrica a borracha - dispostas proximamente entre si. Já *colocação* era a designação dada à divisão de um seringal, parcela da propriedade onde cada seringueiro residia e exercia suas atividades.

⁴ Cf. Isquierdo 1995: 104-110.

meados por iniciativa individual de um proprietário, de um fundador, a partir de estímulos oriundos de circunstâncias especiais, acabam se perpetuando no tempo por aceitação coletiva da comunidade.

O signo toponímico se nos apresenta, pois, como um dos aspectos do léxico, particularmente complexo, no que se refere à sua motivação designativa. A diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralingüísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural. Assim, os topônimos podem funcionar como *palavras-testemunhas* de uma deriva de valores, de crenças e de expectativas de um grupo sócio-lingüístico-cultural, considerando-se que a dinamicidade ou não de um léxico está intimamente relacionada com as mutações ocorridas na história de uma comunidade⁵.

Desta forma, partindo do princípio de que os atos de nomeação de lugares representam sempre formas de apropriação de uma realidade e tendo em vista, ainda, que o grupo de seringueiros se configura como uma categoria de trabalhadores com características bastante peculiares, se confrontada com as demais classes de trabalhadores brasileiros — em virtude tanto da própria natureza do trabalho quanto das expectativas alimentadas pelo migrante quando se abalava para as terras amazônicas —, os designativos dos seringais funcionam como índices do sistema de vida próprio dos seringais e dos processos de povoamento e de colonização ocorridos no Acre.

É fato assente que todo homem quando aporta num torrão desconhecido, na condição de migrante, uma de suas primeiras ações é, certamente, a de colocar sua "marca de identificação" na nova localidade. Trata-se de uma atitude de afirmação, de marco simbólico do início da construção de um novo percurso de sua história de vida. Em vista disso, os topônimos apresentam-se sempre como a síntese dos sentimentos vividos pelo denominador no ato da nomeação.

⁵ Cf. Isquierdo 1996: 90 e 91.

Desta forma, tendo presente esses princípios teóricos, na análise dos topônimos, buscamos verificar as idéias gerais que se encontram subjacentes, em menor ou em maior escala, às designações dos seringais e das colocações. Há determinados traços distintivos perceptíveis na essência de cada nomeação — índices do processo da ocupação humana regional e do estado de ânimo do trabalhador dos seringais. Assim, tendo presente essas características, trabalhamos com seis campos léxicos⁶ que foram agrupados em torno dos sintagmas: **crença no futuro** — *Vitória, Independência, Alegria, Felicidade, Campo Esperança, Bom Princípio, Boa Sorte*; **sentimento de desespero frente à realidade** — *Confusão, Deserto, Escondido, Revolta, Oco do Mundo, Sai Cinzas, Semitumba*; **indicadores de origem** — *Altamira, Boa Vista, Bolívia, Canindé, Fortaleza, São Paulo, Venezuela*; **designativos antropônimos** — *Braga Sobrinho, Levi, Miguel Doido, Viriato, Zé Júlio*; **sentimento religioso** — *Nazaré, Santa Cruz, Santa Maria, São João do Iracema, São Luizd'Água, São Sebastião* — **e nomes descritivos do ambiente físico** — *Açaizal, Espera-aí, Gameleira, Paxiúba, Estreito, Olho d'Água, Remanso, Ladeira*.

A análise dos dados demonstrou que as idéias básicas sintetizadas nesses diferentes sintagmas possuem entre si elementos comuns que as aproximam, já que, na sua essência, substanciam aspectos marcantes da vida do grupo. Por isso, no seu conjunto, solidificam o panorama da realidade vivida pelo trabalhador dos seringais nas selvas amazônicas. Há "marcas" dessa realidade manifestas nos diferentes campos: seja uma realidade existente no âmbito do sujeito — da espera por algo melhor, nos ideais que impeliram esses trabalhadores para aquelas paragens; sejam as próprias características físicas do meio que condicionam hábitos distintos; seja uma aflição extrema diante do incerto, do desconhecido. Somado a isso, percebe-se que a sensação de isolamento, de solidão tenta ser amenizada através da recuperação, tanto de nomes relativos às regiões de procedência, ou de designativos antropônimos — sentimento de

⁶ Estamos atotando, neste trabalho, a definição de campo *léxico* fornecida por Eugênio Coseriu. Segundo esse lingüista, *campo léxico*: "é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que resulta da partição de um conteúdo léxico contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas a outras, por meio de traços distintivos mínimos" (apud Isquierdo, 1996: 102).

apego e de saudosismo sempre tão peculiares à vida do migrante —, como de nomes de cunho religioso.

Faz-se mister assinalar ainda que, em função de o processo de nomeação de lugares envolver uma gama muito diversa de elementos, a tarefa de estudar a natureza semântica dessa categoria de nomes nem sempre é passível de ser realizada somente no plano sincrônico. Não raras vezes faz-se necessário a recuperação da origem das denominações e da razão do seu aparecimento com vistas à elucidação, ainda que aproximada, das causas motivadoras dos nomes. Nesse sentido, torna-se um imperativo a recuperação de aspectos do percurso histórico do grupo como subsídio para uma possível explicação da motivação do nome de um lugar.

Na análise dos nomes dos seringais, embora tenhamos priorizando a abordagem sincrônica, dada a especificidade que caracteriza a microtoponímia em estudo, a compreensão das possíveis razões que impulsionaram os denominadores na designação dos lugares careceu ser buscada, também, no nível extralingüístico, ou seja, na somatória de fatores sócio-culturais, históricos, humanos, geográficos e econômicos que se consubstanciam na região. Em função disso, no decorrer da análise, valemo-nos de informações fornecidas por obras que sintetizam estudos realizados acerca da região como um todo ou da empresa extrativista em particular, com vistas a abonar conclusões a respeito da questão da motivação toponímica. Procuramos, enfim, identificar a provável motivação genética do nome e, para tanto, trouxemos a exame possíveis aspectos - lingüísticos e não-lingüísticos — que subjazem à gênese dos topônimos estudados.

Considerando-se que a maioria desses seringais e colocações foram nomeados no final do último século e no início deste, a análise da motivação toponímica relacionada a esses designativos, em sua maioria, teve que ser alicerçada em informações de natureza histórica, já que o contato direto com o denominador, nessa situação, tornou-se inviável.

Os campos léxicos sintetizados pelos sintagmas *crença no futuro e sentimento de desespero frente à realidade*, por exemplo, agrupam topônimos que apresentam duas "marcas" muito distintas, no que se refere à especificação da natureza do estado anímico do denominador: *impressão agradável/otimista e impressão desagradável/temeridade* frente à realidade. Em face disso, esses

campos reúnem nomes de *seringais* que deixam antever, respectivamente, expectativas positivas e negativas diante do trabalho nos seringais⁷.

Notadamente na Amazônia, as promessas enganosas de um enriquecimento fácil foram o grande atrativo para seduzir o migrante. Assim, se por um lado o seringueiro migrante alimentava expectativas positivas no que se refere às possibilidades de sucesso no trabalho nos seringais, por outro, a realidade que se lhe apresentava afigurava-se como sinistra e desafiadora. No processo de povoamento, um contraste geográfico e humano evidenciou-se nas terras amazônicas. O migrante, em sua grande maioria de procedência nordestina, notadamente cearenses, teve que enfrentar — e sobretudo que superar — desafios de naturezas geo-física e cultural no processo de ajustamento ao novo ambiente. Do sertão seco, árido, de um solo desértico passou brutalmente à *hiléia* encharcada, verde, a um mundo de água e de rios. A par do contraste geográfico patenteou-se também o embate de dois tipos humanos, com regimes de vida e horizontes de trabalho quase opostos — *o caboclo ribeirinho nativo*, já integrado ao sistema de vida do meio e totalmente desprendido da busca de grandes conquistas e o *migrante-nordestino* adventício, alheio às adversidades da região e imbuído da ambição pela riqueza rápida.

É justificável, por conseguinte, o sentimento de incerteza, de apreensão, de inquietação e até mesmo de um certo desespero diante do hipotético, expressos pelo migrante. Tais sentimentos tornam-se manifestos, particularmente, na nomeação dos seringais e das colocações. Tocantins registra que

"entre perigos e infortúnios, o nordestino entranhava-se nas matas, abria novos seringais que vinham significar novos marcos de posse, sinais de soberania brasileira. Nada impediu a intrépida penetração marcada pelo estado d'alma do imigrante: tristeza, confiança, revolta, ironia, ao dar nome às herdades: *Silêncio, Desterro, Saudades, Novo Destino, Nova Esperança, Bom Destino, Nova Vida, Oco do Mundo ...*" (1979, p.159).

Já a análise dos topônimos reunidos no campo a que denominamos *indicadores de origem*, além de fornecer dados para o entendimento da miscigenação de povos que compunham o aglomerado humano dos seringais, demons-

⁷ Cf. Isquerdo 1996: 118.

tra, ao que tudo indica, a tentativa, por parte do denominador, de continuar mantendo um vínculo, de certa forma palpável, com a região de procedência.⁸ É bastante provável que seja justamente esse forte sentimento de lembrança o que tenha motivado a opção por nomes dessa natureza para a denominação de tais áreas geográficas. Observando-se esse campo lexical, notamos que ele corporifica lexias designativas de lugares localizados em regiões bem distintas do País — *Albrácia, Alegrete, Altamira, Apudi, Arapixi, Aripuanã, Boa Vista, Bolívia, Botafogo, Brasil, Brasilzinho, Cajazeira, Canindé, Extrema, Filipinas, Fortaleza, Humaitá, Itu, Japão, Lavras, Limeira*. A ocorrência desses topônimos evidencia que o trabalhador dos seringais, motivado, principalmente, pelo viver solitário no interior da mata, vivia tomado de saudosismo e de apego a tudo o que fosse possível lembrar a terra natal.

Já o campo *designativos antroponímicos*, que reúne os topônimos relativos a nomes próprios, a prenomes + alcunha, a apelidos de família, a prenomes + apelido de família — *Braga Sobrinho, Góis, Iracema, João Júlio, Joaquim de Castro, Levi, Luiz de França, Pelegrino, Machado, Marcela, Marco* —, demonstra uma outra tendência da Toponímia, qual seja a de, normalmente, prestar, no ato da nomeação do lugar, uma homenagem a alguma pessoa importante da localidade — fundador, autoridade local... — e, a exemplo dos topônimos *indicadores de origem*, representam formas concretas de apropriação da realidade. Partindo-se do princípio de que o nome próprio apresenta-se sempre como uma marca de identificação, podemos nos permitir afirmar que nomear uma localidade por um antroponímico demonstra uma forma de imposição de respeito, um sinal de autoridade. Além disso, simboliza também uma tentativa de vínculo com o passado. Ainda mais em se tratando do seringueiro acreano que, em sua grande maioria, era migrante nordestino que tencionava ganhar dinheiro com o trabalho na seringa e retornar à terra natal, o ato de

⁸ A seguinte assertiva de Benchimol abona esse nosso argumento: "não podendo rever o sertão, porque está ligado por interesses mais fortes ao Amazonas, o sertanejo trai-se a todo momento. O velho sertão que andava recalcado aparece disfarçado na primeira oportunidade. *A sombra efetiva dêle projeta-se na sublimação lírica dos nomes dos lugares, dos sítios, das fazendas, dos seringais: Seringal Fortaleza, Iracema, Ceará...*" (1965, p.33) (grifo nosso).

nomear o local de trabalho com um designativo que lembre a sua origem parece perfeitamente justificável.⁹

A par do último campo focalizado, encontramos um significativo número de colocações e de seringais que foram agrupados ao campo *nomes descritivos do ambiente físico*. Observa-se, por exemplo, na Toponímia local, a presença do elemento *Floresta* que representa uma das grandes fontes vitais para o homem da mata, tanto no que se refere ao seu campo de trabalho, quanto no que concerne a sua maior fonte de subsistência. Registra-se, também, a ocorrência de um significativo número de topônimos relacionados com espécimes da vegetação da Região. Trata-se da escolha de determinados nomes de plantas para designar o local onde se mora, na maioria da vezes motivada pela abundância da espécie na localidade e/ou até mesmo pela presença significativa de alguma em particular que sirva de ponto de referência para a identificação da localidade. Comprova a primeira hipótese a expressiva incidência de designativos que denotam a idéia de coletivo ou conjunto de seres da mesma espécie, como, por exemplo, *Açaizal, Jarinal, Laranjal, Palhal, Paxiubal*, entre outros. Já a segunda hipótese pode ser confirmada por designativos do tipo Buriti, *Gameleira, Espera-aí, Patoá, Pupunha*. Verifica-se, ainda, a utilização de lexias¹⁰ que denotam aspectos da mata — *Verdume* — ou a própria mata como um todo — *Mata Fresca*.

Relacionados ao traço semântico *fauna*, localizamos nomes de seringais e colocações que recuperam nomes de diferentes espécies de animais represen-

⁹ Discorrendo acerca das distâncias e proximidades entre o caboclos nativos e os migrantes nordestinos, Reis registra que esses últimos "não abandonaram muitos dos padrões culturais, que os distinguíam. (...) O meio não lhes tirou a vibração guerreira, que o episódio marcial do Acre pôs à prova. Tampouco se despersonalizaram pelo esquecimento da terra onde nasceram. *Nos seringais que fundaram, na generalidade, os nomes pelos quais os batizaram foram nomes que buscaram à geografia ou que lhes lembrava permanentemente o mundo distante de onde emigraram tangidos pelos horrores da seca ou seduzidos pela miragem amazônica. A idéia do regresso à terra natal, dêles não se ausenta.* Continuam nordestinos" (1953, p.120) (grifo nosso).

¹⁰ "Dada a complexidade e a ambigüidade do termo "palavra", neste trabalho, optamos pela terminologia proposta pelo lingüista Bernard Pottier: *lexia* vista como unidade de comportamento (unidade lexical memorizada) (Isquierdo, 1996:97).

tativos da Região, desde peixes — *Candiru, Cambira, Pacu, Piaba* —, aves — *Caboré, Coruja, Curica, Jacamim* —, pássaros — *Papagaio, Periquito* —, até animais de pequeno e grande porte — *Coelho, Onça*.

Já os topônimos ligados ao elemento *água*, também de significativa importância para o caboclo ribeirinho, apresentam-se sob diferentes formas: tanto como o *Rio(zinho)*, em si, ou ele na condição de *Praia (inha)* e de *Barra*, ou na situação de *Baixa* e de *Remanso*, quanto como *Lago, Laguinho, Estreito, Igarapé* ou *Olho-d'Água*. Ademais, julgamos interessante assinalar a presença de lexias classificadas como Brasileirismos por ABH que nomeiam aspectos muito característicos da realidade local: *Chuveiro* (chuva de inverno prolongada); *Estreito* (o mesmo que encanado, ou seja, trecho de um rio onde a largura normal deste se reduz de súbito à décima parte, ou menos); *Passagem* (trecho de rio); *Poção* (lugar no leito de um igarapé, rego ou lago, onde é maior a profundidade); *Pontão* (barcaça que vai de reboque e serve de *pontão*, ou seja, plataforma flutuante que, por si, ou ligada a outras, forma uma ponte). Observa-se, ainda, a recuperação de designativos de rios e/ou de igarapés da região para nomear o seringal, provavelmente em virtude destes situarem-se nas proximidades dos respectivos cursos d'água. É o que se observa nos topônimos: *Igarapé Preto, Igarapé do São Pedro, Igarapé Grande, Juruá, Xipamano*.

Por fim, o grupo marcado pelo traço *solo* também corporifica nomes que representam aspectos físico-geográficos do meio em que vive o grupo de seringueiros: *altos, montes, baixas, ladeiras, várzeas*, muitos deles acompanhados de um elemento determinante que recupera traços descritivos do meio. Abonando o exposto, surgem topônimos como *Alto do Bode, Baixa Fria, Baixa Funda, Baixa Verde, Monte Verde e Vargem Grande*.

Essa presença de nomes descritivos denota bem a influência marcante do ambiente físico na configuração do léxico local. Conforme já foi assinalado alhures, a vida nessa região é comandada pela natureza. Assim, o rio e a floresta passam a ser tanto a fonte de vida como as forças que determinam a rotina de trabalho e de vida do homem, ou seja, representam a referência cotidiana do ribeirinho. É através do rio que chega, esporadicamente, alguma nota de civilização ao ambiente selvagem daqueles barrancos. É pertinente e justificável, portanto, a presença, na Toponímia local, de nomes que remetam às características físicas e geográficas do meio. Contudo, há que se assinalar que não é

simplesmente esse ambiente físico o fator determinante na configuração do léxico local, mas sim a importância social que esse ambiente desempenha na vida do grupo. Isso faz referendar a posição defendida por Sapir de que "no que concerne à língua, toda influência ambiental se reduz, em última análise, à influência da parte social do ambiente" (Sapir, 1961, p.45).

Paralelo aos campos lexicais já focalizados, temos o referente ao *sentimento religioso* expresso na designação dos lugares. É fato justificável essa marca de religiosidade por diversas razões. De um lado, há que se considerar que essa característica, provavelmente, o seringueiro já tenha trazido consigo, uma vez que a maioria deles era oriunda do Nordeste, região muito marcada pelo misticismo. De outro lado, temos que computar a própria condição de vida a que se submetiam esses trabalhadores. Embrenhados na mata, as comemorações das festas religiosas eram, ao lado dos casamentos, as únicas formas e momentos de lazer, de conagração humano entre os moradores dos seringais.¹¹ É bom lembrar, inclusive, que as festas religiosas principais – Santo Antônio/São Pedro/São João, Círio de Nazaré (PA)... – servem de referência para a consolidação de compromissos, fixação de épocas distintas e determinantes para a vida do homem da mata.

Deve-se registrar, ainda, que esse "sentimento religioso", esse apego ao "sobrenatural" é algo perceptível, até mesmo, na arrumação do *tapiri*: a estampa de um *santo* na parede é objeto sempre presente na moradia do seringueiro. É importante assinalar, todavia, que o que se observa é um espírito de religiosidade e não a prática de uma religião específica. A vida religiosa resumia-se a orações, ladainhas, novenas aprendidas no sertão, já que a presença do padre era coisa rara nos seringais. Interessante assinalar que, embora nas diferentes narrativas apareça sempre a figura do padre, percebe-se que este é apresentado como um elemento estranho ao grupo que, não mais que uma vez por ano,

¹¹ É o que pode ser referendado pelas informações fornecidas por Reis acerca das celebrações das grandes datas da cristandade que aconteciam, festivamente, no barracão central: "as reuniões de Natal, São João, Santo Antônio e São Pedro, congregavam toda a população do seringal, mesmo os que distavam dias e dias do barracão central. Rezavam-se as ladainhas. Ao ato religioso, seguiam-se os profanos: as danças, os comes e bebes realizavam-se com os recursos existentes" (1953, p.141-142).

passava pelos seringais a fazer a "desobriga".¹² Portanto, numa terra onde sobrepunha-se a lei do mais forte, a única religião conhecida e praticada pelo homem da mata era um forte exercício da solidariedade e um apego a credências várias, boa parte oriundas da tradição indígena.

Outro ponto a destacar nesse campo léxico é a combinação feita pelos falantes entre nomes já cristalizados no catolicismo e nomes que nomeiam aspectos da realidade local. Essas criações vocabulares denotam bem a evocação de "proteção" dos santos para o local de trabalho. Segundo a tradição católica, dar o nome de um santo a alguém ou a algum lugar significa colocar esse ser ou esse local nomeado sob os cuidados específicos desse santo.¹³ É o que se observa nas expressões toponímicas do tipo *São Luís do Remanso*, *São Francisco do Iracema*, *São João da Barra*, *São João do Iracema*, *São Pedro de dentro*, *São José de fora*. Não se trata, pois, de **um São Luís** abstrato, genérico, por exemplo, mas sim de **o São Luís do Remanso**.

Ao lado desses nomes religiosos oriundos da tradição cristã, aparecem designativos com nomes procedentes da mitologia indígena: *Alto Curupira*, *Caipora*, *Mapinguari*, *Tupá*, topônimos relacionados a entidades mitológicas que evidenciam aspectos da influência da cultura indígena na Região.

Um outro aspecto digno de nota é a presença do mágico-religioso na designação dos lugares. O ambiente isolado da floresta e o convívio com populações nativas representam terreno fértil para o afloramento de crenças e de temores. Tal fator parece justificar a recuperação de unidades lexicais que designam seres mitológicos - entes fantásticos cuja crença é comum na região — para nomear o seringal ou a colocação. O registro feito por Augusto acerca do uso de denominações populares mágico-religiosas na designação de um novo

¹² *Desobriga* é o nome usado na região para identificar a visita do padre nos seringais: "uma que outra vez, aparecia um sacerdote, em desobriga. Realizava, então, cercado de respeito, solicitado por todos, ouvido em silêncio, em contrição, batizados, casamentos, promovia confissões e dava comunhões" (Reis, 1953, p.142).

¹³ Segundo Rancy, "o misticismo espiritual e a dependência de proteção divina são constantes no seu cotidiano, refletidas, principalmente, nos nomes dados aos filhos, com raras exceções, não são os de seus santos protetores. (...) *Também os nomes dados às localizações onde residem são exemplos desta tendência*" (1992, p. 137) (grifo nosso).

referente esclarece o processo ocorrido no emprego das lexias *Alto Curupira, Caipora, Mapinguari e Tupá* como topônimos:

"a atribuição de um nome de essência mágico-religiosa baseia-se na existência de um referente, de uma entidade ou categoria denominativa e de uma motivação (...) O ato de denominar, do qual alguém se ocupa, apóia-se ainda nas crenças populares existentes seja em torno do referente seja em torno da categoria denominativa".¹⁴

Pelo exposto, pôde-se notar que a análise realizada procurou conduzir à descoberta de uma possível motivação ocorrida na gênese de cada designativo. Tentando seguir de perto o raciocínio de Alinei,¹⁵ no que se refere à dupla estrutura do significado, buscamos para cada nome de lugar determinados traços semânticos subentendidos no próprio sentido desse nome, ou melhor, intentamos detectar a provável motivação genética que subjaz a cada designativo. É certo que, por razões já explicitadas, buscamos respaldo para nossos argumentos em fontes acerca da realidade físico-geográfica da Região e das características sócio-culturais do grupo de seringueiros. O rol de topônimos analisado demonstra que o denominador recorreu a lexias de uso comum — muitas delas regionalismos específicos de sua terra de origem — para designar os novos referentes — seringais e colocações. O que se pode observar é a ocorrência de um processo de "ressemantização" de unidades lexicais já consagradas com vistas a nomear uma nova realidade. Nota-se que o denominador, induzido por condicionantes do meio, confere a "velhas palavras" significações muito particulares, haja vista que tais unidades conservam, no novo emprego, a essência do significado anterior — apenas são-lhes acrescidos novos semas, em sua grande maioria o sema nome próprio.

Diferentes designativos analisados podem exemplificar o exposto. *Oco do Mundo*, particularmente, constitui-se num caso bastante ilustrativo da situa-

¹⁴ "L'attribution d'un nom d'essence magique-religieuse se base sur l'existence d'un *réfèrent*, d'une *entité* ou *catégorie dénominative* et d'une *motivation* (...) L'acte de dénommer, dont on s'occupe, s'appuie encore sur les *croyances populaires* existantes soit autour du réfèrent soit autour de la catégorie dénominative" (Augusto, 1993, p.21).

¹⁵ Referimo-nos ao semanticista italiano Mário Alinei (1980, 1983, 1984, 1994), cuja teoria destaca a questão da motivação do signo lingüístico, valorizando a relação língua/cultura na explicação do processo de nomeação de elementos da realidade.

ção. Observando-se a natureza desse topônimo podemos inferir que, provavelmente, o denominador, no ato da nomeação, tenha tencionado buscar um nome que designasse, o mais fidedignamente possível, um lugar "deserto", "longínquo", "esquisito", "triste", "isolado", "distante", "..." e, para tanto, tenha recuperado uma lexia já conhecida que sintetizasse esses traços. Assim, *Oco do Mundo*, uma expressão de uso comum que designa "terra muito distante", foi "ressemantizada" e passou a nomear um local específico, transformando-se em nome próprio. A "nova palavra" conserva, entretanto, os traços semânticos da "antiga". O nome de um referente velho — terras distantes — passou a designar um novo referente — seringal isolado, distante das regiões povoadas.

Ainda ilustrando esse caminho metodológico de explicação da motivação genética dos topônimos podemos situar o designativo *Horizonte*. Não perdendo de vista as particularidades que identificam o grupo de seringueiros, percebe-se que o denominador transferiu para o nome do lugar suas expectativas frente à nova morada. Em razão disso, é muito provável que tenha pensado num nome que "significasse" esse referente. Buscou um designativo com traços do tipo "extensão indefinida", "perspectiva de melhoria", "probabilidade de progresso", "..." e, para tanto, recuperou a lexia *Horizonte* que substanciava o que pretendia sugerir.

Podemos notar ainda que os topônimos *Oco do Mundo* e *Horizonte*, atualmente, apresentam-se como lexias arbitrárias, e com certa "opacidade" no que se refere à motivação inicial — só a recuperação da história do grupo pôde fornecer dados que conduziram a uma possível motivação desses topônimos —, mas tudo leva a crer que, no ato da criação, representaram lexias altamente motivadas.

Considerações similares, no que tange à motivação genética, podem ser efetivadas a respeito de topônimos do tipo *Paxiubal*, *São João da Barra*, *Iracema*, *Fortaleza*. Cada um, dentro de sua especificidade, deixa transparecer a motivação inicial subjacente à respectiva designação. Nota-se que, a exemplo dos demais, esses designativos foram nomeados com unidades lexicais já pertencentes ao sistema que foram retomadas pelo denominador com vistas a nomear novos referentes. Tal processo permite a utilização de lexias que já nomeiam referentes conhecidos para denominar novos elementos do mundo real, situados num outro espaço físico-geográfico e num outro momento histórico-cultural.

Importante assinalar, ainda, que a maior parte desses designativos toponímicos podem ser considerados, dependendo da perspectiva de análise, palavras transparentes ou opacas — são transparentes quanto à estrutura formal da unidade e a opacidade recai na explicação do porquê de sua utilização como nome próprio de lugar. Ilustremos melhor essa assertiva com a lexia *semitumba*. Esta unidade lexical apresenta transparência no que se refere à sua estrutura: *semi* + *tumba*. Entretanto, quando se trata de entender o porquê de uma lexia desse gênero designar o local onde se vive e se trabalha, só o conhecimento de fatos relacionados ao "mundo real" poderá conduzir a uma provável resposta à questão, momento em que se torna manifesta a opacidade da palavra, em termos de motivação.

Enfim, como foi possível observar no decorrer da análise, a micro-toponímia dos seringais e colocações apresenta aspectos muito peculiares, o que a distingue das demais. As próprias características do meio, a natureza do trabalho desenvolvido e, sobretudo, o tipo humano envolvido no processo de coleta da seringa e na conseqüente produção da borracha favorecem uma maneira muito própria de "ver" a realidade. Essa visão de mundo do grupo, aliada às suas expectativas de vida, acabam por motivar o surgimento de nomes tão específicos para designar os locais onde o seringueiro vive e trabalha.

Há determinados traços distintivos perceptíveis na essência de cada nomeação — índices do processo da ocupação humana regional e do estado de ânimo do trabalhador dos seringais. Benchimol, ao discorrer sobre a questão da nomeação desses aglomerados humanos, argumenta que os nomes de lugares utilizados pelo grupo refletem

"as esperanças, o sofrimento, o sucesso, a fatura e o desespero do imigrante que aqui chegou e do próprio nativo, com toda a sua carga anímica, os valores de sua cultura, as raízes de sua ancestralidade, a memória de seu passado e a expectativa do seu futuro" (1977, p.335).

Ademais, podemos registrar que o material lingüístico examinado no campo dos topônimos possibilitou-nos a constatação de que, numa análise do processo de designação de lugares, faz-se necessário considerar a questão da motivação e para tanto não se pode omitir a perspectiva sócio-cultural. Os dados coligidos evidenciaram que, necessariamente, o exame do signo toponímico não pode ser solidificado apenas em modelos taxionômicos, uma vez que es-

tes, por mais abrangentes que se apresentem, dada a sua própria natureza enquanto caminho metodológico, não possibilitam o alcance de determinadas nuances motivacionais que se tornam evidentes tão somente com a recuperação do perfil sócio-econômico-cultural do elemento denominador.

Desta forma, particularmente na situação dos signos toponímicos, evidencia-se a questão da produção social do significado. O nome de lugar apresenta-se sempre como a materialização da forma como o elemento denominador "vê" e "sente" a realidade no momento da nomeação. Nesse processo concorrem, portanto, fatores de natureza objetiva e subjetiva. Não raras vezes, as próprias características do meio bastam como elemento motivador — um acidente geográfico, uma árvore, um animal, uma particularidade física do local, a presença de um tipo especial de planta, de corrente hídrica —, enfim, referentes do ambiente físico característico da nova localidade funcionam como motivação para o surgimento do nome do lugar.

Todavia, dependendo das particularidades do grupo e da região, fatores outros entram em cena como elemento motivador. O conjunto de topônimos examinado neste trabalho muito bem comprova essa assertiva. Como foi demonstrado, uma possível explicação para a origem da grande maioria dos nomes dos seringais e das colocações teve que ultrapassar o nível puramente lingüístico. Tais conclusões referendam a presença do imbricamento língua-cultura-sociedade no processo de construção do significado do signo lingüístico, nesta situação específica, do signo toponímico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALINEI, M. Le due strutture del significato. In ALINEI, M. *Lingua e dialetti: struttura, storia e geografia*, 13-21. Bologna: Ed. Il Mulino, 1984.
- _____. The structure of meaning revisited. *Quaderni di Semantica*. Anno I, no 2. 289-305, 1980.
- _____. ARC-EN-CIEL - Carte onomasiologique (1.6) et cartes de motivations (I.7-9). Commentaire. In ALINEI, M. et al., *Atlas Linguarum Europae* (ALE). Volume I - Commentaires, Premier Fascicule, 47-80. Van Gorcum: Assen, 1983.
- _____. Trentacinque definizioni di etimologia, ovvero: il concetto di etimologia revisitato. *Quaderni di semantica*. Anno XV, no 2. 199-221, 1994.
- AUGUSTO, M. C. L. *À la recherche du pourquoi du nom*. Étude sémantique des dénominations magico-religieuses dans les dialectes romans. Itália: Universiteit Utrecht, 1983. Tese de Doutoramento (xerocopiada).

- BENCHIMOL, S. *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*. Manaus-AM: Editora Umberto Calderaro, 1977, p.142-389.
- _____. *O cearense na Amazônia*. Inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante. Rio de Janeiro: SPVEA – Coleção Araújo Lima, 1965.
- DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Origine et évolution. 2a ed. Paris: Librairie Delagrave, 1928, p.01-85.
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- ISQUERDO, A. N. A Toponímia: uma forma de representação da realidade. *Estudos Lingüísticos* XXIV Anais de Seminário do GEL. 104-110, 1995.
- _____. *O Fato Lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara-SP: UNESP, 1996. Tese de Doutorado (xerocopiada).
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.
- RANCY, C. M. D. *Raízes do Acre (1870-1912)*. Rio Branco: M.M. PAIM, 1992.
- REIS, A.. C. F. *O seringal e o seringueiro*. Documentário da vida rural, n.o 5. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1953.
- ROSTAING, C. *Les noms de lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961, p.5-23.
- SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.
- SAPIR, E. *Lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. Vol I. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL/Conselho Federal de Cultura; Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 1979.